

Caius Pisão, Seneca, bem como outras figuras veneráveis da época, mais exaltadas no seu patriotismo e amor pela justiça, caíram sob as mãos criminosas do celerado que cingia a corôa, mas Públio Lentulus, ao lado de outros irmãos de ideal que trabalharam no silêncio e na sombra da diplomacia secreta, junto dos militares e do povo, esperou pela morte ou pelo banimento do tirano, aguardando as claridades do futuro, surgidas com o efêmero reinado de Sérvio Sulpício Galba, que, no dizer de Tacito, era "considerado por todos, digno do governo supremo do Império, se não houvesse sido Imperador.

## VIII

### NA DESTRUÇÃO DE JERUSALÉM

Mais de dez anos correram, silenciosamente e amargurados, depois de 58, sobre a vida comum dos personagens desta história.

Sómente em 68, conseguira a política conciliatória de grande número de patrícios, entre os quais Públio Lentulus, o definitivo afastamento de Domício Nero com as suas nefandas crueldades. Todavia, a ascensão de Galba durará poucos meses e aquele ano de 69 ia definir grandes acontecimentos na vida do Império.

Lutas numerosas encheram a cidade de pavor e de sangue.

A terrível contenda entre Othão e Vitelino dividira todas as classes da família romana, em facções hostis, que se odiavam ao extremo.

Afinal, a famosa batalha de Bedriac dava o trono a Vitelio, que inaugurou um novo círculo de crueldades em todos os sectores políticos.

A diplomacia interna, porém, vigiava na sombra, examinando atentamente a situação, de modo a não permitir a continuidade de um novo surto de extermínio e de infâmia.

Vitellio apenas conservou o governo por oito meses e dias, porque no mesmo ano de 69, as legiões do território africano, trabalhadas pela orientação sutil dos que haviam destronado Nero e seus asseclas, haviam proclamado Vespasiano para a suprema investidura do Império. O novo imperador, que ainda se encontrava no campo de seus feitos de armas, empenhado na pacificação da Judéia distante, satisfazendo as exigências mais avançadas de tôdas as classes civis e militares, sendo recebido em triunfo para o posto supremo e iniciando-se, assim, a era prestigiosa dos Flávios.

Vespasiano integrava aquele grupo de patrícios operosos que contribuira, sem alardes, para a queda dos tiranos.

Amigo pessoal de Públis Lentulus, o imperador se tornaria famoso, não só por suas vitórias militares, mas também pelo seu criterioso tirocínio político, evidenciado em Roma desde os dias turbulentos de Calígula.

Sob a sua orientação administrativa, ia abrir-se uma trégua nas imoralidades governamentais, inaugurar-se-ia um novo período de compreensão das necessidades populares e na rota de seus planos econômico-financeiros, o Império ia caminhar para os dias regeneradores de uma era-nova.

Públis recebeu tôdos os acontecimentos com a velada alegria possível aos seus 67 anos de lutas e fortes experiências da vida. Sob a claridade serena da velhice, todavia, sua fibra moral e resistência física continuavam as mesmas de sempre.

Dentro da perspectiva de melhores dias para as realizações patrióticas, considerava; agora, como bem empregado todo o tempo que roubara à filha céga, para atender ao trabalho do bem coletivo e foi nesse estado de espírito, com a consciência satisfeita pelo dever cumprido, de conformidade com as suas concepções, que se dirigiu ao palácio para atender a um chamado especial do imperador, que, muitas vezes, não deixou de recorrer ao conselho dos seus mais antigos companheiros de ideal.

— Senador — disse-lhe Vespasiano na intimidade tranquila de um dos magníficos gabinetes da residência

imperial — mandei chamá-lo para me amparar com a sua tradicional dedicação ao Império, na solução de um assunto que julgo de suma importância (1).

— Dizei, Augusto!... — respondeu Públia como-víduo.

Mas o imperador, gentil, cortou-lhe a palavra:

— Não, meu caro, entendamo-nos com a velha intimidade de outros tempos. Deixemos, por um instante, os protocolos.

E, vendo que o senador esboçava um sorriso de reconhecimento á sua palavra fluente e generosa, continuou a expôr a questão que o interessava:

— Chamado á Roma para o cargo supremo, não ousei desobedecer ás sagradas injunções que me impeliam ao cumprimento dêsse grande dever, obrigado a deixar meu filho na obra de pacificação da Judéia amotinada, trabalho esse que considerarei, em tôda a vida, como o meu melhor esfôrço pela vitalidade do Império, no desdobramento de suas gloriosas tradições.

“Acontece, todavia, que o cércio de Jerusalém se vai prolongando demasiado, acarretando as mais sérias consequências para meus projetos econômicos, no programa restaurador que me propús realizar no governo.

Suponho que o meu valoroso Tito está necessitando de um conselho de civis, além dos assistentes militares que o acompanham na arrojada empresa, e lembrei-me de organizá-lo tão sómente com os meus amigos mais íntimos, que conhecem Jerusalém e suas cercanias.

Quando das minhas primeiras incursões na edilidade, tive conhecimento dos seus processos na reforma administrativa da Judéia, sabendo, portanto, da sua permanência em Jerusalém ha mais de vinte anos.

Era, pois, meu desejo que aceitasse, com outros poucos companheiros nossos, a incumbência de orientar melhor a tática militar de meu filho. Tito está necessitando da cooperação política de quem conheça a cidade

---

(1) Nota de Emmanuel: — Vespasiano esteve em Roma logo após a sua proclamação.

nos seus menores recantos, bem como os seus idiomas populares, de maneira a vencer a situação que se vai tornando cada vez mais penosa.

Públia Lentulus pensou na filha doente, um instante, mas, recordando-se da dedicação absoluta de Ana, que poderia, perfeitamente, substituir os seus zelos por algum tempo, respondeu com decisão e energia:

— Meu nobre imperador, vossa palavra augusta é a palavra do Império. O Império manda e eu obedezço, honrando-me em cumprir vossas determinações e correspondendo aos impulsos generosos da vossa confiança.

— Muito agradecido! — revidou Vespasiano estendendo-lhe a mão, extremamente satisfeito — tudo estará pronto, de modo que sua partida e de mais dois ou três amigos nossos, se verifique dentro de duas semanas, o mais tardar.

Assim aconteceu.

Depois das dolorosas despedidas da filha, que ficaria aos cuidados da serva dedicada, no palácio do Aventino, o senador tomava a suntuosa galéria que, largando de Ostia, penetrou depressa o mar largo, rumo à Judéia.

O velho patrício reviveu, com penosa serenidade as peripécias da viagem dos seus tempos de juventude venturosa, quando a felicidade era para ele incompreensível, em companhia da esposa e dos dois filhinhos.

Sim, a pequenina figura de Marcus, o filho desaparecido, parecia surgir novamente a seus olhos, sob uma auréola de radioso e santificado enlèvo.

Um dia, em Cafarnaum, levado pelas palavras caluniosas de Sulpício Tarquinius, duvidou da honorabilidade da mulher, acreditando, mais tarde, que o rapto da criança fosse uma consequência da sua infidelidade. Mas, Lívia, agora, estava redimida de todas as culpas, no tribunal da sua consciência. Seus sacrifícios domésticos e a morte heróica no circo constituíam a prova máxima da sublimada pureza do seu coração. Naqueles instantes de meditação, figurava-se-lhe que voltaria ao passado com os seus sofrimentos intermináveis, esbarrrando sempre na sombra pesada do mistério, quando

tentava reler as páginas dêsse doloroso capítulo da sua existência.

A que abismos insondáveis e desconhecidos teria sido levado o pequenino que lhe perpetuaria a estirpe nobre?

Suas emoções paternais pareciam alarmar-se de novo, depois de tantos anos e tantos padecimentos em família.

Mas, embora lhe flutuassem no íntimo as mais penosas dúvidas, o senador, na rigidez da sua enfibratura moral, preferia crer, consigo próprio, que Marcus Lentulus havia sido assassinado por malfeiteiros vulgares, dados ao roubo e ao terrorismo, para nunca mais requisitar os seus desvelos paternais.

Assim quereria crer, mas aquela viagem figurava-se-lhe uma autópsia de suas lembranças mais queridas e mais pungentes.

De tarde, ao suave clarão do crepúsculo no Mediterrâneo, parecia-lhe ver ainda o vulto de Lívia acalentando o pequenino, ou falando-lhe ao coração em termos afetuosos de consolação caríciosa, supondo lobrigar, igualmente, a figura de Comênio, o servo de confiança, entre os subalternos e escravos.

Em companhia de três outros conselheiros civis, chegou sem maior dificuldade ao destino, colocando-se êsse reduzido conselho de íntimos do Imperador á imediata disposição de Tito, que lhe aproveitou carinhosamente os pareceres, utilizando com grande êxito as suas opiniões, filhas de uma grande experiência da região e dos costumes.

O filho do Imperador era generoso e leal para com todos os compatriotas, que o consideravam como um benfeitor e um amigo. Mas, para os adversários, Tito era de uma crueldade sem nome.

Em torno da sua figura ardente e desassombrada, desdobravam-se legiões numerosas de soldados que combatiam encarniçadamente.

O cerco de Jerusalém, terminado em 70, foi um dos mais impressionantes da história da humanidade.

A cidade foi sitiada, justamente quando intermina-

veis multidões de peregrinos, vindos de todos os pontos da província se haviam reunido junto ao templo famoso, para as festas do pão ásimo. Daí, o excessivo número de vítimas e as lutas acérrimas da célebre resistência.

O número de mortos nos terríveis recontros elevou-se a mais de um milhão, fazendo os romanos quasi cem mil prisioneiros, dos quais onze mil foram massacrados pelas legiões vitoriosas, depois da escolha dos homens válidos, entre cenas penosas de saque e de selvajaria, por parte dos soldados romanos.

O velho senador sentia-se amargurado com aqueles pavorosos espetáculos de carnificina, mas cumpria-lhe desempenhar a palavra dada e era com o melhor espírito de coragem que dava pleno cumprimento ao seu dever.

Seus pareceres e conhecimentos foram, muitas vezes, utilizados com êxito, tornando-se íntimo conselheiro do filho do imperador.

Diariamente, em companhia de um amigo, o senador Pompílio Grasso visitava os postos mais avançados das forças atacantes, verificando a eficácia da nova orientação observada pela estratégia militar dos seus patrícios. Os chefes de operações, várias vezes lhes chamaram à atenção, para não avançarem muito em suas atitudes de desassombro, mas Públio Lentulus não manifestava o menor receio realizando, na sua idade, minuciosos serviços de reconhecimento topográfico da cidade famosa.

Afinal, na véspera da queda de Jerusalém, já se lutava quasi corpo a corpo em todos os pontos de penetração, havendo incursões de parte a parte nos campos inimigos, com ataques recíprocos e recíprocas crueldades para todos os que tivessem a infelicidade de cair prisioneiros.

Apesar do zélo de que eram cercados, Públio e o amigo, em virtude da coragem de que davam testemunho, caíram nas mãos de alguns adversários que, em lhes observando a indumentária de altos dignitários da corte imperial, conduziram-nos imediatamente a um dos chefes da desesperada resistência, instalado num

casarão á guisa de quartel, próximo da Tôrre Antônia.

Públio Lentulus, observando as cenas de selvajaria e sangue, da plebe anônima e amotinada, que exterminava numerosos cidadãos romanos em trágicas circunstâncias, sob as suas vistas, lembrou a tarde dolorosa do Calvário, em que o piedoso profeta de Nazaré sucumbira na cruz, sob o vozerio terrificante das multidões enfurecidas e delinquentes. Enquanto caminhava tangido com brutalidade e aspereza, o velho senador considerava igualmente que, se aquele momento assinalasse a sua morte, deveria morrer heroicamente, como sua própria mulher, em holocausto aos seus princípios, embora houvesse fundamental diferença entre o reino de Jesus e o império de Cesar. A idéia de deixar Flávia Lentulia orfã do seu afeto, preocupava-lhe o íntimo e, todavia, ponderava que a filha teria no mundo a dedicação generosa e assídua de Ana, bem como o amparo material da sua fortuna.

Foi nesse estado de espírito, surpreso com a sucessão dos acontecimentos, que atravessou, longas ruas cheias de movimento, de gritos, de impropérios e de sangue.

Jerusalém, tomada de assombro, mobilizava as derradeiras energias para evitar a ruína completa.

Ao cabo de algumas horas, extenuados de fadiga e de sede, Públis e o amigo foram introduzidos no sombrio gabinete de um chefe judeu, que expedia as mais impiedosas ordens de suplício e morte para todos os romanos presos, revidando ás atrocidades do inimigo.

Bastou que Públis fitasse aquele velho israelita de traços característicos para procurar, sofregamente, na imaginação, uma figura semelhante no acervo de suas lembranças mais íntimas, e mais remotas.

Não pôde, porém, de pronto, identificar aquele personagem.

O velho chefe, contudo, pousou nêle o olhar astuto e fazendo um gesto espontâneo de admiração satisfeita, exclamou com uma chispa de ódio a lhe transparecer de cada palavra:

— Ilustríssimos senadores — acentuou com ironia e desprezo — eu vos conheço de longos anos . . .

E, fixando Públia, acentuou com malícia:

— Sobretudo, honro-me com a presença do orgulhoso senador Públia Lentulus, antigo legado de Tíberio e de seus sucessores nesta província perseguida e flagelada pelas pragas romanas. Ainda bem que as fôrças do destino não me permitiram partir para a outra vida, na minha velhice trabalhosa, sem me desafrontar de uma injúria inolvidável.

Avançando para o velho patrício que o contemplava supinamente surpreendido, repetia com insistência irritante:

— Não me reconheceis?...

O senador, porém, tinha o semblante a evidenciar o seu penoso abatimento físico, em face daquela rude provação da sua vida; debalde, encarava a figura franzina e maquiavélica de André de Gioras, agora com elevado ascendente nos trabalhos do templo famoso, em vista da fortuna que conseguira amealhar.

Verificando a impossibilidade de ser identificado pelo prisioneiro, cuja presença ali mais o interessava e que lhe respondera a todas as perguntas com um silencioso gesto negativo, o velho judeu retornou com sarcasmo:

— Públia Lentulus, sou André de Gioras, o pai a quem insultaste um dia com o excesso da tua autoridade orgulhosa. Lembras-te agora?

O prisioneiro fez um sinal afirmativo com a cabeça.

Vendo, porém, que os seus conceitos atrevidos não o intimidavam, voltava o chefe de Jerusalém a revidar exasperado:

— E por que não te humilhas neste momento, diante da minha autoridade? Ignoras, porventura, que posso hoje decidir dos teus destinos?... Qual a razão por que não me pedes comiseração e piedade?

Públia estava exausto. Lembrou os seus primeiros dias em Jerusalém, recordou-se da visita daquele agricultor inteligente e revoltado. Procurou rememorar, intimamente, as providências que adotara na qualidade de homem público, afim-de que o filho do judeu voltasse ao lar paterno, não se lembrando de haver distilado tanto fél naquele coração irresignado. Deliberára nada

dizer, frente á sua figura exasperada e truculenta, atentando ás suas íntimas disposições espirituais, mas, em face da ousada insistência, sem abdicar das antigas tradições de orgulho e vaidade que o coracterizavam noutros tempos e como se desejasse demonstrar o seu desassombro em tão penosas circunstâncias, replicou afinal com energia:

— Se vos julgais aquí no cumprimento de uma obrigação sagrada, acima de qualquer sentimento particular e menos digno, não espereis que se vos peça comiseração, pelo fato de cumprirdes o vosso dever.

André de Gioras franziu o sobrôlho, exasperado com a resposta imprevista, andando de um lado para outro no amplo gabinete, com se estivesse a cogitar o melhor meio de executar a tremenda vingança.

Depois de alguns momentos de sombrio silêncio como se houvesse chegado á uma solução condigna dos seus tigrinos projetos, chamou com voz soturna um dos guardas numerosos, ordenando:

— Vai depressa e dize a Italo, de minha parte, que deve aquí estar amanhã, ás primeiras horas, de modo a cumprir as minhas determinações.

E enquanto o emissário saía, dirigiu-se a ambos os prisioneiros nêstes termos:

— A quēda de Jerusalém está iminente, mas darei a última gôta de sangue da minha velhice para exterminar as víboras do vosso povo. Vossa raça maldita veiu cevar-se na cidade eleita, mas eu prezo a minha vingança em vós ambos, orgulhosos dignitários do império da impiedade e do crime! Quando se abrirem as portas de Jerusalém, terei executado meus implacáveis desígnios!

Calando-se, bastou um gesto para que os dois amigos fôssem atirados numa enxovia escura e humida, onde passaram uma noite terrível de conjecturas dolorosas, em amarguradas confidências íntimas.

Na manhã seguinte, eram chamados á prova suprema.

Já se ouviam na cidade, os primeiros rumores das

fôrças romanas vitoriosas, entregando-se ao terror e ao saque da população humilhada e inerme.

Por toda parte, o êxodo precipitado de mulheres e crianças em gritaria infernal e angustiosa; mas, naquele casarão de grossas paredes de pedra, refugiara-se considerável número de chefes e combatentes, para a resistência suprema.

Públio e Pompílio foram conduzidos a uma sala ampla, de onde podiam ouvir o ruído crescente do triunfo das armas imperiais, depois de lances horríveis e dramaticos, em tanto tempo de terror, de rapina e de luta; todavia, ali, naquele compartimento espaçoso e fortificado, viam á sua frente centenas de guerreiros armados e alguns chefes políticos da resistência israelita, que os contemplavam com supremo desprezo.

Diante do avanço vitorioso das legiões romanas, era de notar a inquietação e o pavor dominando todos os semblantes, mas havia um interesse geral pelos dois prisioneiros importantes do Império, como se êles representassem o último objeto em que se pudessem cevar o seu ódio e a sua vingança.

Modificando, todavia, aquela situação indecisa, André de Gioras tomou a palavra em voz estranha e sinistra, que retumbou por todos os ângulos da casa:

— Senhores, — estamos chegando ao fim da nossa desesperada defesa, mas temos o consolo de guardar dois grandes chefes da amaldiçoada política de rapina do Império Romano!... Um dêles é Pompilio Grasso, que começou a sua carreira de homem público nesta província desventurada, inaugurando um longo periodo de terror entre os nossos compatriotas infelizes! O outro, senhores, é Públis Lentulus, orgulhoso legado de Tibério e de seus sucessores, na Judéia humilhada de todos os tempos; que escravizou nossos filhos ainda jovens e organizou processos criminosos em todas as zonas provinciais, fomentando o pavor de nossos irmãos perseguidos e flagelados, lá da sua residência senhorial da Galiléia!... Pois bem! antes que os malditos soldados da pilhagem imperial nos aprisionem e aniquilem, cumpramos nossos designios!...

Todos os presentes ouviram-lhe a palavra, como se fôra a ordem suprema de um chefe a quem se devesse obedecer cegamente.

Os dois senadores foram, então, amarrados com pesadas peças de ferro aos postes do suplício, sem liberdade para qualquer movimento, restringindo suas expressões de mobilidade aos olhos silenciosos e serenos no sacrifício.

— Nossa vingança — voltava êle a explicar — deve obedecer ao critério da antiguidade. Primeiramente, deverá morrer Pompílio Crasso, por ser o mais velho e para que o vaidoso senador Públus Lentulus comprehenda o nosso esfôrço para eliminar a vitalidade do seu Império maldito.

Pompílio fitou longamente o amigo, como se estivesse fazendo as suas despedidas angustiosas e mudas, na hora extrema.

— Nicandro, êste trabalho te compete — exclamou André, voltando-se para um dos companheiros.

E dando a um vigoroso soldado um espada sinistra, acrescentou com profunda ironia:

— Tira-lhe o coração para o amigo, que deverá conservar a cena de hoje na sua memória, para sempre.

Os olhos do condenado brilharam de intensa angústia, enquanto as faces descoravam ao extremo, acusando as emoções dolorosas que lhe iam na alma. Entre êle e o companheiro de amargura, foi trocado, então, um olhar inesquecível.

Em minutos rápidos, Públus Lentulus assistiu o desenrolar da operação terrível e nefanda.

A cabeça branca do supliciado pendeu ao primeiro golpe de espada e do seu tórax encarquilhado foi arrancado violentamento o coração palpitante, sangrento.

Entretanto, o senador sobrevivente ouvia já o rumor dos patrícios vitoriosos que se aproximavam, figurando-se-lhe que já se lutava corpo a corpo, ás portas daquela turbulenta assembléia da vindita e do crime. A monstruosa cena estarrecia-lhe o ânimo, sempre otimista e decidido, mas não perdeu a compostura altiva e rígida consigo mesmo, naquele angustioso transe.

Terminada a execução de Pompílio, feita ás presas, porquanto todos os presentes tinham conciênciâa da horrorosa situação que os esperava diante dos triunfadores, André de Gioras levantou novamente a voz:

— Meus amigos — afirmava soturnamente — ao mais velho a penalidade misericordiosa da morte; mas a êste patrício infame que nos ouve, concederemos a pena amarga da vida, dentro do sepulcro das suas ilusões desvairadas, de vaidade e de orgulho!... Públia Lentulus, o antigo emissário dos imperadores, deverá viver!... Sim, mas sem os olhos que lhe clarearam o caminho do egoísmo suprêmo sobre os nossos grandes infortúnios!... Deixá-lo-emos com vida, para que nas trevas da sua noite busque ver, com os olhos dos escravos que êle espesinhou no decurso da vida inteira!...

Havia um penoso silêncio interior, embora se ouvisse, lá fóra, o patear dos cavalos e o tinir das armaduras, aliados ao rumor sinistro de vozes praguejantes no ataque e na resistência desesperada, do último reduto.

André de Gioras parecia, porém, embriagado com a volúpia de sua vingança e, mantendo o equilíbrio da assistência naquela hora trágica do destino que a todos aguardava, com a palavra magnética e persuasiva exclamou energicamente:

— Italo, compete ás tuas mãos a tarefa dêste momento.

Da assistência compacta e inquieta destacou-se um homem, aparentando quasi quarenta anos de idade, surpreendendo o senador pelos seus traços finos de patrício. Seus olhares encontraram-se e êle supôs descobrir naquela alma um laço de afinidade estranha e incompreensível.

Italo? Aquele nome não lhe recordava alguma cousa das proximidades da sua Roma inesquecida? Por que motivo estaria ali, aquele homem, evidentemente de sangue nobre, combatendo ao lado dos judeus amotinados e intoxicados de rebeldia? Por sua vez, o verdugo, indicado pela voz soberana de André, parecia inclinado á ternura e á piedade por aquele homem velho e sereno, de mãos e pés amarrados ao poste da injúria, parecendo

hesitar se devia ou não cumprir o sinistro e despiadado desígnio do seu chefe.

Daí a minutos, surgia de uma porta larga e sombria um guerreiro israelita, trazendo em ampla bandeja de bronze uma lamina arredondada, de ferro incandescente, cuja ponta mais aguçada repousava entre brasas vivas.

Contemplando com interesse a enigmática figura de Italo, na vitalidade concentrada da sua idade adulta, o senador não podia dissimular a curiosidade silenciosa, em face do seu vulto ereto e delicado.

André, porém, gozando o quadro e percebendo a acurada atenção do condenado, arrancou-o daquele estado de conjectura e admiração, asseverando com ironia:

— Então, senador, estais admirando o porte nobre de Italo?... Lembrai-vos que se os patrícios se dão ao luxo de possuir escravos israelitas, os senhores da Ju-déia também apreciam os servos de tipo romano. Aliás, sou obrigado a considerar que é sempre perigoso guardarmos um escravo como este, na cidade, em vista da praga do patriciado, hoje excessivo por toda a parte; mas eu consegui manter este homem de trabalho no ambiente rural, até agora...

Públis Lentulus mal poderia decifrar o sentido oculto daquelas irônicas palavras, não lhe sobrando tempo, ali, para qualquer introspecção. Observou que André se calára, atendendo à urgência com que devia ser levada a efeito a operação em perspectiva, de modo a não se perder o vermelho incandescente da lámina fatídica. Diante de muitos olhares atônitos e desesperados, que não sabiam se fixavam a cena macabra ou se atentavam para a ruidosa penetração das fôrças de Tito, que quebravam naquele instante os obstáculos do último reduto, o algoz implacável entregou a Italo o terrível instrumento do sacrifício.

— Italo — recomendou com a máxima energia — este minuto é precioso... Vamos, queimar-lhe as pupilas, de modo a lhe proporcionarmos uma sepultura de sombras eternas, dentro da vida.

O pobre rapaz, todavia, sensibilizado até as lágrimas

mas, em face do suplício que deveria infligir por suas mãos, parecia indeciso e titubeante.

— Senhor... — disse súplice, sem conseguir formular as suas objeções.

— Por que hesitas?... — revidou André, tiranicamente, cortando-lhe a palavra. Será preciso o chicote para que me obedeqças?

Italo tomou, então, da lâmina, humildemente. Aproximou-se de leve do condenado, exâmico na sua resignação e na sua fortaleza interior. Antes do instante supremo, seus olhares se encontraram, trocando vibrações de simpatia reciproca e Públito Lentulus ainda fixou-lhe o porte, tocado de uma incontestável nobreza, esfacelada em suas linhas mais características pelos trabalhos mais impiedosos e mais rudes; e tão grande foi a atração que experimentou por aquele homem, fixado pelos seus olhos em plena luz, pela vez derradeira, que chegou a se recordar, inexplicavelmente, do seu pequenino Marcus, considerando que, se êle ainda vivesse num ambiente tão hostil, deveria ter aquele porte e aquela idade.

As mãos de Italo, todavia, trêmulas e hesitantes, aproximou-se dos seus olhos exaustos, como se o fizesse numa doce atitude de carinho; mas o ferro incandescente, com a rapidez de um relâmpago feriu-lhe as pupilas orgulhosas e claras, mergulhando-as na treva para tôdo o sempre.

Nisso, observou a vítima que uma gritaria infernal reboava em toda a sala.

Uma dôr indefinível irradiava-se da queimadura, fazendo-lhe experimentar atrozes padecimentos.

Ele nada mais divisava, além das trevas espessas que lhe cobriam o espírito, mas adivinhava que as forças vitoriosas chegavam tardivamente para a sua libertação.

No meio dos ruidos ensurdecedores, André de Gioras ainda se aproximou do condenado, falando-lhe ao ouvido:

— Poderia matar-te, senador infame, mas quero que vivas. Vou revelar-te, agora, quem é Italo, teu algoz do último instante!...

Mas um golpe mais forte de espada, brandida por

um legionário romano, fizera o velho israelita cair ao solo sem sentidos, enquanto uma punhalada certeira atingia Italo, indeciso na sua estupefação, que caiu pesadamente junto do supliciado, abraçando-se aos seus pés num gesto significativo e supremo.

Vozes amigas rodearam, então, Públis Lentulus, naquele ambiente tumultuário. Desataram-lhe imediatamente os pés e as mãos, restituindo-lhe a liberdade dos movimentos, enquanto outros legionários retiravam o cadáver de Pompílio Crasso, com o peito vazio, num quadro pavoroso de selvajaria e de sangue.

Serenados os primeiros tumultos e guardando as mais penosas dúvidas acerca-das palavras reticenciosas do inimigo implacável, Públis Lentulus, antes de se dirigir pelo braço dos companheiros que o amparavam, ao comando das fôrças em operações, onde receberia os primeiros socorros, recomendou que tratassesem com o máximo respeito o cadáver de Italo, que jazia ao lado de um montão de despojos sangrentos, no que foi atendido por um companheiro:

— Senador, antes de tudo, não vos esqueçais do vosso estado, que está requerendo de todos nós os mais urgentes cuidados.

E como se quisesse provocar uma explicação espontânea do ferido, quanto ao seu interesse pelo morto, acentuou delicadamente:

— Não foi êsse homem que vos infligiu o horrendo suplício:

A' vista da pergunta inopinada e necessitando justificar a sua atitude perante os compatriotas que o ouviam, Públis exclamou com voz pungente:

— Enganai-vos, meus amigos. Êsse homem, cujo cadáver agora não vejo, era nosso conterrâneo, prisioneiro de muito tempo pela sanha vingativa de um poderoso senhor de Jerusalém. Observai-lhe os traços nobres e concordareis comigo!...

E, enquanto se retirava amparado pelos amigos, afim-de receber socorros imediatos e imprescindíveis, supôs haver cumprido um dever, em pronunciando aquelas palavras, porque misteriosas vozes lhe falavam

ao coração, acerca daquele olhar generoso que pousára em seus olhos pela vez derradeira.

Vários dias esteve Jerusalém entregue ao saque e á desordem, levados a efeito pela soldadesca do Império, faminta de prazeres e envenenada no vinho sinistro do triunfo. Todos os chefes da resistência israelita foram presos, de modo a comparecerem em Roma para o último sacrifício, em homenagem ás festas comemorativas da vitória. Entre êles incluia-se André de Gioras, que restabelecido das escoriações recebidas, representava um dos que deveriam ser exterminados para gáudio da assistência festiva na capital do Império.

Depois da matança de onze mil prisioneiros feridos ou inválidos, massacrados pelas legiões vencedoras; depois dos pavorosos espetáculos da destruição e saque do templo magnífico, no qual Israél julgava contemplar a sua obra eterna e divina, para todas as gerações da sua posteridade prolífica, voltou a caravana compacta dos vencidos e vencedores, cheia de riquezas ilícitas e troféus maravilhosos, de modo a exibir em Roma todos ornamentos ilustrativos da vitória, entre vibrações tumultuárias e cânticos de triunfo.

Numa galéria confortável e tranquila, viajou Públio Lentulus, resignado dentro da noite compácta da sua cegueira, rodeado de amigos prestigiosos que tudo faziam por minorar-lhe os sofrimentos morais.

Antes de chegar á Roma, muitas vezes cogitou da melhor maneira de se dirigir diretamente a André, para arrancar-lhe a verdade e serenar as suas dúvidas íntimas, quanto á identidade do escravo de tipo romano, que o ferira para sempre, nos preciosos dons da vista. Ele, porém, agora, estava cégo e para realizar êsse desejo, teria de se valer de um largo processo de providências, da colaboração estranha, e, assim não havia atinado com a melhor maneira de ouvir o judeu sem ferir as suas tradições de dignidade pessoal, mantida de todos os tempos na vida pública.

Foi, ainda, nesse impasse que chegou, novamente, ao palácio do Aventino, acompanhado de numerosos companheiros de labores políticos, surpreendendo amar-

guradamente o coração da filha, com a notícia trágica e dolorosa da sua cegueira.

Ana, como um anjo fraterno, valorosa irmã de todos os infortunados, sincera discípula do Cristianismo, esperou, carinhosamente, o seu senhor, junto de Flávia que exclamava, cheia de incoercível desalento:

— Meu pai, meu pai, mas que desgraça!...

O velho patrício, todavia, no seu otimismo, confortava-lhe o espírito, obtemperando:

— Filha, não te dês ao trabalho de conjecturar á fundo os problemas do destino. Em todos os acontecimentos da vida temos de louvar os soberanos desígnios dos céus e espero que te encorajes de novo, porque sómente assim viverei agora, junto de ti, em consolação afetuosa e reciproca! Foi o próprio destino que me afastou compulsoriamente das lides do Estado, afim-de viver doravante sómente por ti.

Abraçaram-se então efusivamente, fundiram-se em beijos do mesmo infortúnio, vibrações cariciosas de duas almas presas aos mesmos padecimentos.

Públio Lentulus, porém, embora o necessário descanso nos penates e apesar da cegueira que lhe impossibilitava as iniciativas, não perdeu a esperança de ouvir a palavra do inimigo implacável, ainda uma vez, e, para isso, aguardou o dia ansiosamente esperado pelo povo romano, das soberanas festas do triúnfo.

Convém acentuar que o velho senador foi conduzido á cidade imediatamente, em virtude da sua situação especialíssima, mas o vencedor e as suas legiões infindáveis entrariam em Roma, com todos os faustosos protocolos dos triunfadores, de conformidade com os numerosos e antigos regulamentos da própria república.

No dia aprazado, toda a capital, com a sua população de um milhão e meio de habitantes, aproximadamente, aguardava as magníficas comemorações da vitória.

Desde as primeiras horas do dia, começaram a grupar-se ás portas da cidade as legiões vencedoras, desarmadas, vestindo delicadas túnicas de sêda, ostentando soberbas auréolas de louro. Transpondo as portas da cidade, sob os aplausos estrondosos de multidões sem

fim, foi-lhes oferecido um banquete esplêndido, presidido pelo próprio imperador e seu filho.

Vespasiano e Tito, logo após as cerimônias do Senado, no pórtico de Otavia, encaminharam-se para a porta Triunfal. Ali, ofereceram um sacrifício aos deuses e tomaram os símbolos do triunfo nas grandes e aparatosas festividades imperiais. Realizada essa cerimônia, pôs-se em marcha o grande cortêjo, ao qual Públio Lentulus não faltou, com a secreta intuição de ouvir a palavra reveladora do chefe prisioneiro, cujo cadáver, depois dos sacrifícios daquele dia, seria atirado às águas do Tibre, de acordo com as tradições vigentes.

Todos os troféus das batalhas sanguinolentas e todos os vencidos, em número considerável, eram levados igualmente em procissão, na festa indescritível.

A' frente do cortêjo imenso, seguia incalculável quantidade de obras de ouro puro, enfeitadas de côres variadas e berrantes, acompanhadas das pedras preciosas em número incontável, não só em corôas de fulgurante beleza, como também em estofo que maravilhavam os espectadores pela sua variedade, sendo de notar que todos êsses tesouros eram carregados por jovens legionários trajando túnicas de púrpura, com graciosos ornamentos dourados.

Logo após as demonstrações dos tesouros conquistados pelo triunfador, vinham ás centenas, as estátuas dos deuses, talhadas em marfim, em ouro, em prata, de tamanhos prodigiosos.

Em seguida aos deuses, todo um exército de animais, das mais variadas espécies, e dos quais de destacavam, notadamente, numerosos dromedários e elefantes cobertos de magníficas pedrarias.

Acompanhando os animais, a multidão compacta e acabrunhada dos prisioneiros vulgares exibindo sua miséria e olhares tristes, procurando ocultar dos espectadores impiedosos e irreverentes os ferros pesados que os manietavam.

Após os prisioneiros sucumbidos, passavam os simulacros das cidades vencidas e humilhadas, confeccionados com grande esmero, sustentados nos ombros de soldados

numerosos, semelhando os modernos carros alegóricos das festas carnavalescas. Havia simúlacos de todas as cidades destruidas e saqueadas, de batalhas vitoriosas, sem faltar o arrazamento dos campos, a queda de muralhas e os incêndios desvastadores.

Depois desses símbolos, eram os despojos riquíssimos dos povos vencidos e das cidades conquistadas, principalmente os de Jerusalém, carregados com muito desvelo pelos legionários. Sob os aplausos gritantes e irreverentes da turba que se apinhava por toda parte, desfilaram as estátuas representando as figuras de Abraão e Sára, bem como de todas as personalidades reais da família de David, e mais todos os objetos sagrados do famoso templo de Jerusalém, tal a Mesa dos Pães de Proposição, feita de ouro massiço, de valor incalculável, as trombetas do Jubileu, o castical de ouro com sete braços, os paramentos de alto valor intrínseco, os véus sagrados do Templo e, por fim, a Lei dos judeus, que seguia atrás de todos os despojos materiais, pilhados pelas forças triunfadoras. Cada objeto era carregado em andores preciosos e bem ornamentados, ao ombro dos legionários romanos, coroados de louros.

Após os textos da Lei, seguia Simão, o desventurado chefe supremo de todos os movimentos da resistência de Jerusalém, acompanhado dos seus três auxiliares diretos, inclusive André de Gioras. Todos esses chefes da longa e desesperada resistência vestiam de preto e caminhavam solenemente para o sacrifício, depois de haverem servido de adôrno em todas as comemorações festivas do triunfo.

Em seguida, vinham os carros soberbos e magníficos dos triunfadores. Após a passagem deslumbrante de Vespasiano, passava Tito num oceano de púrpura, de sédas e de vermelhão, simbolizando o próprio Júpiter na embriaguez da sua vitória.

No sequito de honra, passava igualmente o senador valetudinario e cégo, não mais pelo prazer festivo das homenagens, mas com o secreto desejo de ouvir a palavra de André, antes do trágico momento em que o seu corpo balançasse sobre as águas lodosas do Tíbre, no

instante da consumação do seu derradeiro suplício, sob os aplausos delirantes do povo.

Após os carros imperiais dos vencedores e seus áulicos mais íntimos, vinha o exército compacto, entoando os hinos da vitória, enquanto todas as ruas e praças, fóros e pórticos, terraços e janelas, se pejavam de in-calculáveis multidões curiosas e ávidas.

O cortejo movimentou-se solenemente, desde o Territorium Triumphale até o Capitólio. Longas horas foram gastas no trajeto, através do longo e sinuoso caminho, porquanto a festividade era consumada de molde a levar os seus esplendores pelos recantos mais aristocráticos do patriciado romano.

Em dado instante, todavia, antes de se elevar á colina, todo o cortejo parou e os olhos ansiosos da multidão convergiam para Simão e seus três companheiros, auxiliares diretos da sua chefia, na resistência da cidade famosa.

Públia Lentulus, embora cégo, mas afeito ao tradicionalismo daquelas comemorações, compreendeu que era chegado o instante supremo.

Em virtude do seu caso especialíssimo e considerando a deferência que a autoridade julgava dever-lhe, o Imperador preocupava-se com a sua situação no cortejo, recomendando ao filho Domiciano, atender a quaisquer providências de que viesse a precisar em tais circunstâncias.

Naquele momento, debaixo das vibrações ruidosas do delírio popular, procedia-se ao flagício de Simão, diante de toda a Roma embriagada e vitoriosa, enquanto André de Gioras e os dois companheiros eram conduzidos á Prisão Mamertina, onde aguardariam o chefe, após a flagelação, para a morte em conjunto, de maneira que os cadáveres pudessem ser e rastados através das Gemonias e sob as vistas do povo, atirados ás correntes do Tibre.

De alma ansiosa, mas disposto a realizar seus designios, o senador chamou o príncipe a cuja assistência fôra recomendado, expressando-lhe o desejo de dirigir a palavra a um dos prisioneiros em particular, e em

condições secretas, no que foi imediatamente atendido.

Domiciano tomou-lhe do braço com atenção e conduzindo-o á uma dependência da prisão sinistra, determinou a vinda de André a um cubículo isolado e secreto, conforme o desejo de Públio, aguardando o fim da entrevista numa sala próxima, juntamente com alguns guardas, tão logo penetrou o condenado para o interrogatório do antigo político do Senado.

Defrontando-se, os dois inimigos sentiram uma estranha sensação de penoso mal-estar. Públio Lentulus não mais podiavê-lo, mas se os seus olhos já não tinham expressão emotiva, crestadas para sempre as pupilas claras e enérgicas, seu perfil erecto manifestava, num largo gesto de aprumo, as emoções decisivas que o dominavam.

— Senhor André — exclamou o senador profundamente emocionado — contra todos os meus hábitos provoquei êste encontro secreto, de modo a esclarecer minhas dúvidas sobre as palavras reticenciosas em Jerusalém, no dia em que consumastes vossas impiedosas determinações a meu respeito. Não quero, agora, entrar em pormenores sobre a vossa atitude, mas tão sómente informar-vos, neste momento em que a justiça do Império vos toma á sua conta, que tudo fiz por devolver-lhe o filho prisioneiro, cumprindo um dever de humanidade, em recebendo as vossas súplicas. Lamento que as milhas providências tardias não alcançassem o efeito desejado, fermentando-se tão violenta odiosidade no vosso coração. Agora, porém, não mais ordeno. Um cégo não pôde determinar providências de qualquer natureza, em face das penosas injunções da sua própria vida, mas solicito o vosso esclarecimento, acérca da personalidade do escravo que me crestou a vista para sempre!...

André de Gioras estava igualmente abatidíssimo na sua decrepitude enfermiga e avançada. Comovido pela atitude daquele pai humilhado e infeliz e fazendo o íntimo retrospecto dos seus atos criminosos, naquelas horas supremas de sua vida, respondeu amargamente compungido:

— Senador Lentulus, a hora da morte é diferente de todas as outras que o destino assinala em nossa exis-

tência á face dêste mundo... E' por isso, talvez, que experimento o meu ódio agora transformado em piedade, avaliando o vosso sofrimento amargo e rude. Desde que fui preso, venho considerando os êrros da minha vida criminosa... Trabalhando no Templo e vivendo para o culto da Lei de Moisés, só agora reconheço que Deus concede liberdade de ação a todos os seus filhos, mórmente aos seus sacerdotes, tocando-lhes, porém, a consciência no momento da morte, quando nada mais resta senão a apresentação da alma falida, diante de um tribunal a que ninguém pode mentir ou subornar!... Sei que é tarde para regredir no caminho percorrido, afim-de refazer os nossos atos, mas um sentimento novo me faz falar-vos aqui com a sinceridade do coração, que já não pode enganar a ninguém, acicatado pelo julgamento divino, no âmago da consciência!...

Ha quasi quarenta anos, vossa austeridade orgulhosa determinou a prisão do meu único filho, remetendo-o impiedosamente para as galeras e debalde implorai a vossa clemência de homem público, para o meu espírito desamparado... Das galeras, contudo, meu pobre Saúl foi remetido para Roma, onde foi vendido, miseravelmente, num mercado de escravos, ao senador Flaminio Severus...

Nesse instante, o cégo, que escutava atenta e eminentemente emocionado, ao identificar o algoz da sua filha, cortou-lhe a palavra perguntando:

— Flaminio Severus?

— Sim, era também, como vós, um senador do Império.

Profundamente emocionado, ao ligar os fatos dolorosos de sua família á pessoa do antigo liberto, mas necessitando de todas as energias morais para dominar-se, o senador recalcou no íntimo a sua amargura, conservando-se em atude de expressivo silêncio, enquanto o condenado prosseguia:

— Saúl, todavia, foi feliz... Alcansou a liberdade e fez fortuna, voltando, de vez em quando a Jerusalém, onde me ajudou a prosperar; mas, devo revelar-vos que, não obstante os textos da Lei por mim pregada muitas

vezes, que nos manda desejar para o próximo o que desejariamos para nós mesmos, não cruzei os braços ante a vossa arbitrariedade criminosa, jurando vingar-me a qualquer preço, razão pela qual, numa noite tranquila, roubei o vosso pequenino Marcus na vossa residência de Cafarnaum, de cumplicidade com uma de vossas servas, que mais tarde tive de envenenar, para que não viesse a revelar o segredo e tolher meus sinistros propósitos, quando a vossa ansiedade paterna instituiu, em Jerusalém, o prêmio de um Grande Sestércio a quem descobrisse o paradeiro do pequenino... Lembrareis, por certo, da criada Semele, que morreu repentinamente em vossa casa...

Enquanto o condenado fazia pausa na sua triste confissão, que lhe tocava as fibras mais íntimas da alma, representando cada palavra um estilete de amargura a lhe retalhar o coração, Públia Lentulus chegava tardivamente ao conhecimento de todos os fatos, recordando os angustiosos martírios da companheira, como esposa caluniada e mãe carinhosa.

Impressionado, porém, com o seu silêncio doloroso, André continuava:

— Pois bem, senador; obedecendo aos meus sentimentos condenáveis, raptei vosso filhinho, que cresceu humilhado nos mais rudes trabalhos da lavoura... aniquilei-lhe a inteligência... favoreci-lhe o ingresso nos vícios mais desprezíveis, pelo prazer diabólico de humilhar um romano inimigo, até que culminei na minha vindita em nosso encontro inesperado! Mas, agora, estou diante da morte e não sei enxergar mais a nossa situação, senão como pais desventurados... Sei que vou comparecer breve no tribunal do mais íntegro dos juízes, e, se vos fosse possível, eu desejava que me désseis um pouco de paz com o vosso perdão!

O velho senador do Império não saberia explicar as suas profundas dôres, escutando aquelas revelações angustiosas e amargas. Ouvindo André, sentia impetos de perguntar pelo filhinho em criança, por suas tendências, pelas suas aspirações da mocidade; desejava inteirar-se

dos seus trabalhos, das suas predileções, dos seus motivos prediletos, mas cada palavra daquela confissão amargurada era uma punhalada nos seus sentimentos mais sagrados. Qual estátua muda do infortúnio, ainda ouviu o prisioneiro repetir, quasi em lágrimas, arrancando-lhe o espírito das suas divagações escuras e tormentosas:

— Senador, insistia André, suplicando tristemente — perdoai-me! Quero compreender o espírito da minha Lei, apesar do último instante!... Relevai o meu crime e dai-me forças para comparecer diante da luz de Deus!...

Públis ouvia-lhe a voz súplice, enquanto uma lágrima de dôr indescritível rolava dos seus olhos tristes e apagados.

Perdoar? Mas, por que? Não fôra êle o ofendido e a vítima de uma existência inteira? Singulares emoções abalavam-lhe o íntimo, enquanto numerosos soluços lhe morriam na garganta opressa.

Diante de si, estava o inimigo implacável que êle procurára, por consecutivos e longos anos de infelicidade. Mas, na sua introspecção, sabia entender, igualmente, as suas próprias culpas, recordando os excessos da sua severidade vaidosa. Também êle estava ali como um cadáver ambulante, no seio das sombras espessas. De que valeram as honrarias e o orgulho desenfreado? Tôdas as suas esperanças de ventura estavam mortas. Tôdos os seus sonhos aniquilados. Senhor de uma fortuna considerável, não viveria mais, no mundo, senão para carregar o esquife negro de suas ilusões despedaçadas. Todavia, seu íntimo se recusava ao perdão da hora extrema. Foi então que se lembrou de Jesus e de sua doutrina de amor e piedade pelos inimigos. O mestre de Nazaré perdoára a tôdos os seus algozes e ensinára aos discípulos que o homem deve perdoar setenta vezes sete vezes. Recordou, igualmente, que, por Jesus, sua espôsa imaculada morrera nas ignomínias do círculo infamante; por Jesus voltara Flamínio do reino das sombras, para imcliná-lo, um dia, ao perdão e á piedade...

Os ruídos de fôra denunciavam que a hora derra-

deira de André estava próxima. O próprio Simão já caminhava vacilante e ensanguentado, depois do açoite, para o interior da prisão, epilogando o suplício.

Foi então que Públia Lentulus abandonando todas as tradições de orgulho e vaidade, sentiu que no íntimo da alma brotava uma fonte de linfa cristalina. Copiosas lágrimas desceram-lhe ás faces rugosas e macilentas, das órbitas sem expressão, dos olhos mortos e, como se desejasse fitar o inimigo com os olhos espirituais, afim-de mostrar-lhe a sua comiseração e a sua piedade, exclamou em voz firme:

— Estais perdoado...

Voltando imediatamente á sala contígua e sem esperar qualquer resposta, comprehendeu que era chegada a última hora do inimigo.

Dai a minutos, o cadáver de André de Gioras era arrastado ás Gemonias, para ser atirado ao Tíbre silencioso.

O senador nada mais percebeu do restante das numerosas cerimônias no Templo de Júpiter.

O cortejo era agora iluminado pela claridade de mil fachos colocados pelos escravos em quarenta elefantes, por ordem de Tito, ao cair das primeiras sombras da noite, mas o senador, acabrunhado nos seus padecimentos morais, regressava em liteira ao palácio do Aventino, onde se fechou nos seus apartamentos particulares, alegando grande cansaço.

Tacteando na sua noite, abraçou-se á cruz de Sião, que lhe fôra deixada pela crença da espôsa, molhando-a com as lágrimas da sua desventura.

Em meditações amargas e dolorosas, pôde então comprehender que Lívia vivera para Deus e êle para Cesar, recebendo ambos compensações diversas na estrada do destino. E enquanto o jugo de Jesus fôra suave e leve para sua mulher, seu altivo coração estava preso ao terrível jugo do mundo, sepultado nas suas dôres irremissíveis, sem claridade e sem esperanças.